

IRIS MARIA CARVALHO BRAGA DOS SANTOS

CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Título: O ensino da biblioteconomia no Brasil
Autor: IRIS MARIA CARVALHO BRAGA DOS SANTOS
Pós-graduação em Biblioteconomia

Monografia apresentada à Escola de Educação da UniRio
como requisito para conclusão do Curso de Pós-graduação
Formação de Docentes Universitários Professor Orientador Ms
Adilson Florentino da Silva

Rio de Janeiro
1999

SANTOS, Iris Maria Carvalho Braga dos. O ensino da Biblioteconomia no Brasil.-Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação, 1999, 22 f.

S237

Santos, Iris Maria Cravalho Brga dos
O ensino da Biblioteconomia no Brasil./ Iris Maria
Carvalho Braga dos Santos.-Rio de Janeiro, 1999.
22 f.

Monografia apresentada à Escola de Educação da UniRio como
requisito para conclusão do curso de pós-graduação Formação de
Docentes do Ensino Superior.

1. Biblioteconomia - Ensino - Brasil II.. Título

CDD 020.71191

CDU 02:378(81)

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Reitor: Prof. Hans Jürgen Fernando Kohmann
Decano: Profa. Maria Teresa Wiltgen Tavares da Costa Fontoura
Chefe de Departamento: Profa. Monica Mandarinó

IRIS MARIA CARVALHO BRAGA DOS SANTOS

O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO
1999

IRIS MARIA CARVALHO BRAGA DOS SANTOS

O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

IRIS MARIA CARVALHO BRAGA DOS SANTOS

O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Monografia apresentada à Escola de Educação da UniRio
como requisito para conclusão do Curso de Pós graduação
Formação de Docentes Universitários Professor Orientador Ms
Adilson Florentino da Silva

Rio de Janeiro
1999

AGRADECIMENTOS

À Deus por me guiar e fazer com que supere todos os obstáculos.

Ao meu pai (in memoriam) por ter me incentivado na minha vida acadêmica.

A minha mãe, na sabedoria dos seus oitenta e sete anos de vida, por me estimular nos momentos nos quais as dificuldades tentaram me fazer esmorecer

As minhas irmãs Dilma e Salambô por me estimularem nesta caminhada

Aos meus filhos por terem me ajudado a crescer como ser humano.

À todos os colegas de curso em especial à Lúcia e Ângela pelo apoio nas horas mais complicadas.

Ao querido prof. Adilson pela delicadeza e atenção ao aceitar ser orientador deste trabalho.

Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã de me tornar o falso sujeito da " formação" do futuro objeto do meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. UM POUCO DE HISTÓRIA	8
3. CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA- início até a década de 1980	14
4. DE 1980 ATÉ INÍCIO DE 1990	21
5. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

RESUMO

SANTOS, Iris Maria Carvalho

Braga dos. *O ensino da*

Biblioteconomia no Brasil. Rio de Janeiro, 1999. 30 f.

Apresenta as diferentes fases da Educação brasileira relacionando-as com o ensino da Biblioteconomia no Brasil a partir de sua criação em 1911 até o início de 1990. A partir de textos sobre o objeto de estudo procurou-se comparar os dois temas, enfocando a influência da educação brasileira nos seus mais variados momentos, inserindo-os na própria história do país. Procura mostrar que o ensino reflete as diferentes influências sofridas através de decisões políticas e ideológicas provocando mudanças nem sempre benéficas para o aluno e a sua posterior atuação no mercado como profissional.

1. INTRODUÇÃO

Desde a criação, no Brasil, do primeiro curso de Biblioteconomia pelo então diretor da Biblioteca Nacional, Manoel Cícero em 1911, o ensino nesta área do conhecimento sofreu influências mais marcantes de linhas européias e americanas. Estas influências são fatores determinantes na visão voltada exclusivamente para o tratamento técnico do material bibliográfico e na visão mais atual com enfoque na importância do usuário da informação.

Este trabalho pretende estabelecer uma relação entre os períodos da educação brasileira, dentro do contexto mundial, e as fases do ensino da Biblioteconomia desde 1911 até início da década de 90.

Foram utilizados textos de Filosofia da Educação os quais subsidiaram a análise da evolução da educação brasileira e textos da área de Biblioteconomia na abordagem histórica do seu ensino e evolução.

Cabe registrar aqui, que com as diferentes fases apresentadas, não significa que a anterior esteja extinta, existe uma corrente mais forte, predominante em relação ao período citado mas não a supressão do período anterior. De tal modo que as diferentes correntes se cruzam compondo um intrincado quadro que para ser compreendido precisa ser decomposto sem se perder os elos que o interligam.

Segundo Danton (1960) desde muito tempo o homem começa a registrar de forma gráfica os resultados de suas observações e experiências. O homem da idade da pedra desenhava nas cavernas diversos aspectos da vida que o circundava. À medida que desenvolveu a linguagem escrita e descobriu meios cada vez mais eficazes para registrar sua história, começou a recolher e conservar seus escritos. Estas coleções reunidas em princípio pelos sacerdotes e os reis em templos e palácios datam pelo menos do século XXV a. C e podem ser considerados antecessoras das Bibliotecas. As culturas e civilizações se sucedem,

e, junto com isto aumentam os registros que assinalam a história do homem. Do mesmo modo crescem as coleções ou bibliotecas que o homem forma para conservar suas inscrições. Estas coleções primeiro formadas por tábuas de barro, depois por folhas de papiro e rolos ou volumes de pergaminho existiram em grande número antes do aparecimento da imprensa no século XV. Estas variadas formas de registro primeiro com o uso de um material mais barato depois com a facilidade da reprodução através da imprensa contribuíram para aumentar consideravelmente o número de materiais impressos. Segundo Danton se faz necessário estudar a maneira de estabelecer procedimentos para a recuperação eficiente dos materiais, sua catalogação e classificação e o modo de disponibilizá-los para o uso do público. Durante os últimos séculos este sistemas estão sendo desenvolvidos e se adaptando às novas tecnologias de registro de conhecimento. Apesar da escrita ter sido criada há algum tempo as bibliotecas e a Biblioteconomia, tal como as entendemos hoje, datam somente do século passado. A profissão de bibliotecário foi exercida, desde a antigüidade até princípios do século XIX por religiosos e eruditos leigos, cujos conhecimentos resumiam-se em sua própria cultura, ou seja, não provinham de aprendizado específico.

A criação da École de Chartes, na França, em 1821, formalizou o ensino dos bibliotecários, dando-lhes, entretanto, a mesma formação destinada aos arquivistas, paleógrafos e arqueólogos. Este caráter de erudição, voltada mais para a pesquisa bibliográfica influiu na formação profissional durante quase todo o século XIX, não só na França, mas também nos países que seguiram os modelos culturais franceses.

Os progressos advindos da Revolução Industrial, não só na Europa, e principalmente na Inglaterra, mas também nos Estados Unidos, juntamente com a aceitação mais ampla dos direitos humanos, deram origem a inúmeras bibliotecas

públicas, voltadas para a educação popular. Por outro lado, o desenvolvimento da indústria do papel e das máquinas impressoras colaborava para a produção em massa de livros sobre todos os assuntos, que deveriam passar das estantes das bibliotecas para as mãos dos leitores, exigindo dos bibliotecários uma organização e um dinamismo que ele, por sua formação, não estava em condições de desenvolver.

Muitos destes profissionais, entretanto, em várias partes do mundo, procuravam a complementação de seus recursos com a elaboração de normas de catalogação e sistemas de classificação bibliográfica, visando a implantação de regras, teorias e técnicas que pudessem tornar mais racional o desempenho de suas verdadeiras funções. Estas iniciativas de aperfeiçoamento profissional foram formalizadas como disciplinas técnicas em 1887 com a criação da escola de Biblioteconomia do então Columbia College, hoje University of Columbia, em Nova York.

Ficou assim bastante fortalecido o novo conceito de que o bibliotecário já não podia ser apenas o conhecedor dos textos para fins de pesquisa individual, mas um profissional capacitado a proporcionar a todos, os recursos da educação e da cultura popular.

Danton (1960) aponta como a principal razão do aparecimento das escolas de Biblioteconomia como a difícil e complexa tarefa de formar profissionais capazes de organizarem sistematicamente as coleções geradas com o aumento da produção de material impresso no mundo inteiro. O desenvolvimento veloz no século XIX, as novas disciplinas, a elevação do nível médio de cultura ocorrendo em quase todos os povos, a difusão do ideal democrático em vários pontos do mundo mudaram o velho conceito que considerava a Biblioteca como um lugar destinado quase exclusivamente para proteção e conservação dos livros para uso de uns poucos. Em consequência esta

nova visão exige profissionais mais cultos e com conhecimentos técnicos variados que não possuíam seus antecessores. Do mesmo modo que outras profissões, o exercício da profissão de bibliotecário exigia ensino formal. Esta crença veio substancialmente modificar de modo inquestionável a visão de biblioteca até então predominante . Hoje uma biblioteca moderna não é mais apenas uma coleção de livros ou um museu, requer que o profissional esteja adequadamente preparado para esta nova realidade.

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

O esquema de estudo da História do Brasil inclui uma divisão que apresenta as seguintes fases: descobrimento, período colonial, Brasil-império, Brasil-república e Brasil-contemporâneo. Nestes períodos estão incluídas subdivisões segundo o aparecimento de acontecimentos mais marcantes. Por exemplo no Brasil -império: 1º Reinado, 2º Reinado.

Segundo José Antônio Tobias (1972) não é objetivo e nem científico dividir-se assim a História da Educação brasileira. A objetividade e cientificidade se basearão em fatos e fatores educacionais marcantes procurando, apesar de considerá-los importantes, não priorizar os fatores políticos, sociais e econômicos. Seguindo os fatores educacionais marcantes e segundo Saviani (1991) as concepções fundamentais da Filosofia da Educação apresentam seus diferentes períodos.

O período cristão que foi a primeira tendência do ensino brasileiro que, através da Igreja Católica marcou de modo especial através dos padres jesuítas a nação e o povo brasileiros para sempre. Foi a Europa latina que descobriu o Brasil, o que em grande parte, caracterizou a educação brasileira. A Contra Reforma, movimento voltado contra a heresia saxônica; o jesuíta, o futuro guerrilheiro-colonizador do Brasil; a união oficial entre a Igreja Católica e os Estados latinos; toda a cultura e a educação da Península Ibérica espelham a pura educação no mundo latino trazida para o Brasil. A Europa impregnada de uma cultura refinada carregada de mitos como o super-homem europeu e o do homem inferior, índio ou negro marcaram a vida e a educação brasileiras. O indígena e o negro do Brasil de tanto ouvirem e sentirem em seu espírito e em sua carne que o europeu, ideal e perfeito acabam assim por se convencerem que o Brasil era

inferior, de que a sua cultura era menos que a dos seus colonizadores. Esta crença persiste até hoje em vários setores da nossa vida. Segundo José Antônio Tobias (1972) a Europa na época da nossa colonização apresenta como manifestação cultural o Renascimento fazendo surgir o humanismo antropocêntrico no lugar do humanismo teocêntrico da Idade Média. O Renascimento, diretamente através dos jesuítas, e, indiretamente através da cultura e do ambiente europeus, marcou todo o primeiro período educacional no Brasil até 1759, ano da expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal. Este fato assinala o fim de uma era educacional dominada pela batina dos padres e o início de uma nova corrente marcada pela ascensão e pelo domínio das Ciências Experimentais. Caracterizada pela aristocratização do ensino causada pela impossibilidade do governo português em oferecer professores e escolas para toda a população em particular para os mais pobres, levando os filhos das famílias mais abastadas, que residiam junto aos maiores centros recebendo aí aulas particulares ou fazendo viagem de estudo à Universidade de Coimbra.

Portugal do século XV contrasta com Portugal dos séculos XVI e XVII enquanto o primeiro era uma pátria aberta para o mundo e para os mares, descobriu novos continentes e novas raças, contrastava com o segundo que se vai fechando cada vez mais agarrado a uma escolástica decadente e superada, amigo da Inquisição, inimigo das idéias novas, resistente às idéias renascentistas alienado ao aparecimento das Ciências Experimentais.

O movimento internacional em favor do trabalhador e do operário, assim como em benefício da democracia e da educação democrática, chegou ao Brasil provocando mudanças radicais ainda que a longo prazo. Porém a transformação da educação aristocrática para a educação democrática se deu de forma gradual através de um período de transição que infraestruturou a educação brasileira de 1890 a 1920.

No que se refere ao desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil houve os estágios decorrentes das influências sofridas pela própria cultura brasileira. Segundo Francisco das Chagas de Souza (1990) as descrições do ensino da Biblioteconomia no Brasil têm tido como enfoque principal fatos e datas ligados a ele evitando a sua contextualização política, ideológica, econômica e educacional. Isto acarreta um estudo voltado para si mesmo, isolado dos fatores da sociedade que tanto o influenciam.

Este período de transição coloca a educação brasileira num emaranhado complexo junto com as influências e consequências da Guerra do Paraguai, da Abolição da Escravatura, do espírito positivista, da Proclamação da República, das idéias da Revolução Francesa, a Independência dos Estados Unidos, antiga educação jesuítico cristã, as tradições da aristocratização do ensino brasileiro e tantos outros aspectos. Tudo isto caracterizado pela busca do caminho de sua autenticidade que ocasionou uma explosão educacional no Brasil de 1940 em diante. A instalação do social e da socialização foi ganhando o povo fazendo surgir lideranças e uma nova mentalidade, causando o nascimento de um novo e moderno capítulo da educação nacional: a socialização do ensino brasileiro que compreende o período de 1920 a 1950. Especialmente de 1950 em diante manifesta-se um desejo nacionalista, o desejo de ser brasileiro, de abandonar o modelo de imitação de outros países, fazendo o país procurar soluções para seus próprios problemas educacionais.

Segundo Saviani (1991) todo este período que inclui a nossa colonização a meados de 1930, está caracterizado pela influência da concepção humanista tradicional que inclui uma vertente religiosa que tem suas raízes na Idade Média e uma vertente leiga que tem como idéia central a natureza humana. Esta concepção humanista tradicional encara o homem como um ser constituído por uma essência imutável, cabendo a educação conformar-se com a essência

humana. Encontramos na vertente leiga, elaborada por pensadores modernos, na expressão da ascensão da burguesia a inspiração da construção dos sistemas públicos de ensino caracterizados pela obrigatoriedade e pela gratuidade.

O período seguinte de 1930 a 1945, ainda segundo Saviani (1991), apresenta um equilíbrio entre as tendências humanista tradicional e humanista moderna. Esta concepção humanista moderna delinea uma visão de homem centrada na existência, na vida, na atividade. A concepção tradicional centrava-se na essência, a concepção humanista moderna tem a visão que a existência precede a essência. A natureza humana agora é mutável determinada pela existência. Naquela privilegiava-se o adulto, o homem completo, acabado e a educação centrava-se no educador, no intelecto. Na corrente humanista moderna o educando, a criança passa a ser o centro. Considera a educação como um processo continuado seguindo um ritmo vital determinado pelas diferenças existenciais ao nível dos indivíduos.

O início do século XX, aos poucos foi percebendo os primeiros sinais anunciadores de luta aberta para destronar o multissecular império da aristocratização da educação brasileira. Contudo a História da Educação e todas as outras histórias mostram, ao infinito, como um extremismo chama outro. O conjunto da educação brasileira, especialmente o ensino oficial, compassadamente mas de forma decidida, passará da aristocratização, não para a democratização, mas sim para a socialização. Este processo que leva a pessoa a agir de acordo com o social, de acordo com a sociedade. Diferencia-se do socialismo, que é uma ideologia, uma filosofia e não um processo como a socialização. É relevante ressaltar na fase da “Socialização do ensino brasileiro”, que se estende de 1920-1930 a 1960, que inclui as diversas nuances apresentadas por ela: primeiro, a socialização da Educação posotivista de Comte representado aqui por Raimundo Teixeira Mendes e Benjamin Constant; segundo a corrente

pragmática de John Dewey difundido no Brasil por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro; terceiro a corrente socialista de Karl Marx difundida entre nós, por Álvaro Vieira Pinto e pela UNE; em quarto a socialização de Fernando Azevedo; em quinto o empreendimento da educação cristã como solicitação dos papas como foi realizado em escolas cristãs dentro do Cristianismo sem nenhuma fusão com a filosofia socialista e, finalmente, a paradoxal identificação entre cristianismo e socialismo baseada no pressuposto de que a socialização da educação só se realiza pela aceitação e implantação do socialismo, aqui se procura identificar dentro de escolas católicas e de seminários, socialização e socialismo, Cristo e Marx. Estes dois sentidos foram aceitos formando uma longa jornada de equívocos cujas conseqüências aparecerão sobretudo a partir de 1960. Nesta época predomina a tendência humanista moderna com o aparecimento de uma crise devido a articulação da tendência tecnicista. Foram aí criados espaços de manifestação dos interesses das camadas populares. Segundo Saviani (1991) a concepção analítica de Filosofia da Educação pretende que se efetue a análise lógica da linguagem educacional considerando que esta é uma linguagem comum não formalizada e propõe como mais adequado o método da análise informal ou lógica informal. Trata-se do contexto lingüístico e não do contexto histórico.

A concepção dialética apresentada por Saviani se interessa pelo homem concreto, isto é, “o homem como síntese de múltiplas determinações”, o homem como conjunto das relações sociais. Assim como a concepção humanista moderna admite que a realidade é dinâmica, entende que os problemas educacionais só podem ser compreendidos dentro do contexto histórico. Neste contexto, o dialético, o papel da educação, ainda segundo Saviani, será colocar-se a serviço da nova formação social em gestação no seio da velha formação até então dominante.

Nos estudos biblioteconômicos mais recentes já encontramos uma corrente que está buscando a formação de um modelo brasileiro de ensino desenvolvendo uma técnica adequada à nossa realidade, estimulando os alunos a desenvolverem modelos de tratamento técnico da informação baseados na forma do conhecimento nacional.

Em uma discussão mais ampla identificamos duas vertentes na literatura especializada. Uma aborda como objeto da Biblioteconomia a organização documental que está diretamente relacionada às atividades técnicas e processos através dos quais são organizados materialmente. A outra, não negando os saberes da primeira, tem como objeto de ação o indivíduo para quem se organiza todo o esforço de construção dos sistemas documentais - o usuário.

3. CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA - início até a década de 1980

Segundo Souza (1990) durante todo o século XIX ocorreram várias atividades significativas para a prática bibliotecária, seja representada pela vinda do núcleo do acervo da futura Biblioteca Nacional brasileira, seja pelas inovações tecnológicas introduzidas no catálogo do gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro ou ainda por iniciativas de intelectuais brasileiros no sentido de dotar o país de uma estrutura na Biblioteca Nacional, compatível com bibliotecas similares de países desenvolvidos. Souza assinala que tais iniciativas fogem à influência portuguesa e tomam como modelo ora os Estados Unidos, ora a Bélgica, ora a Inglaterra. O início do século XX encontra o Brasil voltado para o crescimento de suas indústrias ocasionado pela reorganização capitalista da agricultura. O país trouxe do século XIX os mesmos problemas e mal saído do regime de escravidão e o início mal estruturado da sua república e está diante da criação de uma ordem político-econômica educacional influenciado pelas múltiplas correntes migratórias e pela luta dos recém-libertos escravos desejosos de mais espaço nesta Sociedade. Nesta época surge a imprensa não só como um canal de comunicação da classe dominante começando a ser utilizada intensamente pelas classes trabalhadoras. Em São Paulo e no Rio de Janeiro começam a aparecer jornais e publicações avulsas editadas pelos sindicatos operários defendendo os interesses daquelas classes. O início do século XX no Brasil no aspecto político se apresenta tumultuado com instabilidade no poder central, na economia e nas relações entre as classes sociais além de uma acentuada dependência político-econômica assumida pelos líderes da instalação da República brasileira no final do século XIX. Tendo os Estados Unidos como modelo natural: o nome do país passou a ser Estados Unidos do Brasil, nossa constituição seguiu como modelo a norte americana e a nossa bandeira por pouco

não se tornou diferente apenas nas cores. No âmbito educacional o país iniciou este século com um alto índice de analfabetismo o que perdurou por muito tempo ainda. Não possuía uma instituição universitária, mesmo sendo desejada por alguns e rejeitada por ilustres figuras da República. O século XX inicia com o Brasil conhecendo pouco do que a nascente Biblioteconomia oferecia. Uma sociedade pouco exigente, com pouca vida cultural, não favorecia um bom funcionamento de bibliotecas públicas que nesta época ainda bastante escassas. As bibliotecas eram coleções restritas sem estrutura adequada que permitisse acesso público. Mesmo restrito o uso dos Gabinetes Portugueses de Leitura⁽¹⁾ foram levados a assumir o papel de bibliotecas públicas. Desde 1814 a Biblioteca Nacional desempenhava este papel por estar localizada na cidade do Rio de Janeiro, a mais urbanizada da época pois era porto, capital administrativa e política do Brasil. Intelectuais que trabalhavam com documentação e interessados na organização científica do conhecimento perceberam o aparecimento das correntes defensoras da organização sistemática da produção deste conhecimento implantando no país algumas técnicas vindas do estrangeiro. Iniciava-se com o século XX a primazia da técnica. Encontramos nesta época a seguinte ordem de preferência no primeiro momento da Biblioteconomia brasileira: primeiro as normas, depois o acêrvo e por último o usuário.

O primeiro concurso público para preenchimento de vaga de “ oficial de biblioteca”, em 1879, que exigia dos candidatos um diploma acadêmico, como bacharel em Letras ou em Ciências, exigindo dos candidatos algum conhecimento das línguas grega ou latina, perfeito conhecimento do francês e do inglês, de história e de literatura geral além da Ciência Bibliográfica

(1) Instituição importada no século XIX da França, eram estabelecimentos comerciais que alugavam livros e que adquiriram por volta de 1900 características de biblioteca pública e centros de estudos.

propriamente dita, representa o marco inicial da formação do profissional bibliotecário no Brasil. As matérias das provas compreendiam: História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia (que na época incluía Bibliografia e Biblioteconomia), Iconografia, Classificação de Manuscritos e tradução do Latim, inglês e francês. Era a união da cultura geral com a técnica e o instrumental lingüístico.

Em 1911, Manoel Cícero, então diretor da Biblioteca Nacional, ao implantar algumas reformas, criou o primeiro curso de Biblioteconomia da América Latina e o terceiro no Mundo. Influenciado pela École de Chartes, o curso iniciou em 1915 e passou por várias reformas estando hoje integrado à Universidade do Rio de Janeiro. De enfoque cultural e informativo destinado ao pessoal que deveria suprir as necessidades daquela Instituição. Suas disciplinas possuíam maior razão pragmática do que uma diretriz filosófica. Apesar de criado em 1911 só começou a funcionar em 1915 em meio à contradições políticas, econômicas e sociais do país. Não tinha como objetivo principal uma transformação da sociedade mas consolidar a Biblioteca Nacional equiparando-a àquelas mais importantes Instituições da Europa.

Em 1929 é dado pelo Instituto Mackenzie (hoje Universidade), em São Paulo, um curso de Biblioteconomia nas bases norte-americanas e ministrado por professora vinda desta região. Pela primeira vez no Brasil eram ensinadas as matérias técnicas que estão presentes até hoje nos cursos no país: Catalogação e Classificação de Livros, Prática de Organização de Bibliotecas e Referência.

Segundo Souza (1990) politicamente os fins dos anos 20 e o início dos anos 30 espelhavam um país que tentava encontrar uma identidade num emaranhado de situações com a necessidade de acomodação do predomínio agrário e da incorporação produtiva de todas as possibilidades que se abriam nos setores industrial e de serviços. Esta situação trazia o razoável contingente de

proprietários e trabalhadores urbanos expressando uma identidade político-ideológica bem diferenciada. Sendo assim a burguesia aceita passivamente o status quo e defende a agricultura não aceitando a ascensão das massas operárias ou qualquer formulação de reforma da sociedade. O processo de industrialização pelo qual passava a sociedade, a falta de escolarização, poderia levar a uma incapacidade produtiva da mesma forma que o modelo escravista fez o país sofrer sérios prejuízos após o seu término. Surgiu nestes anos liderado por Anísio Teixeira, Fernando Azevedo e Lourenço Filho o movimento em torno da Escola Nova e o movimento paulista de uma Universidade concretizado em 1934 com a USP. O movimento da Escola Nova fez aumentar o percentual da população matriculada tanto no ensino primário quanto no secundário já em 1940. Mas a escola era vista pela classe dominante como um instrumento perigoso para a classe trabalhadora que poderia, mais esclarecida, reivindicar seus direitos. As escolas tinham como estrutura sala de aula, carteiras, quadro negro, giz e professor, nenhum recurso pedagógico além destes. As escolas de qualidade mantinham tradição portuguesa com ensino feito por religiosos e comprometida com a classe dominante pouco interessada por influências de tendência anglo-saxônica. Estando, o país com razoável e crescente dependência econômico-financeira dos Estados Unidos temos também na Biblioteconomia uma expressiva influência norte-americana. O pragmatismo norte-americano encantava os intelectuais brasileiros que visitavam aquele país, mesmo aqueles mais nacionalistas ou de sólida formação européia. Souza (1990) cita Monteiro Lobato como o primeiro intelectual bastante influente a chamar a atenção dos brasileiros para as bibliotecas dos Estados Unidos as quais visitou.

No Rio de Janeiro as novas técnicas bibliotecárias se iniciaram em 1940, através de um curso intensivo dado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público para atualização de seus funcionários bibliotecários, ministrada por uma

bibliotecária norte-americana. Foi extinto em 1944, quando a Biblioteca Nacional teve seu curso reformulado, passando a ministrar como matérias obrigatórias: Catalogação e Classificação, Referência, Organização e Administração de Bibliotecas, História do Livro e das Bibliotecas e História da Literatura e, como matérias optativas: Noções de Paleografia, Iconografia, Mapotecas, Bibliotecas especializadas e universitárias, Bibliotecas infantis. A grande influência norte americana e a tendência predominante do uso da técnica caracterizavam nesta época a diretriz pedagógica destes cursos. Nota-se também como um projeto elitista desde a idéia do curso até seus alunos. A criação de Escolas de Biblioteconomia surgiu pela necessidade de preparar tecnicamente bibliotecários formando profissionais diferenciando da tendência de se nomear responsáveis pelas bibliotecas pessoas que gostavam de livros. Integrar o indivíduo na civilização baseada na ciência e na técnica substituindo a influência e o poder da Igreja pela secularização do ensino controlado pelo Estado.

A instabilidade política marcou os primeiros anos da década de 50 numa sociedade em rápida transformação. A classe média foi se definindo mais consciente, participante e desempenhando variadas funções com o aumento progressivo de empregos e do nível de vida. A classe operária urbana reagindo contra o aumento do custo de vida, lutando contra a repressão de um governo sem autoridade suficiente para coordenar os diversos interesses de uma sociedade que se mobilizava.

Na Educação encontramos 8,4% matriculados no ensino primário e 0,91% no ensino secundário. Mesmo esses valores tão baixos expressam um valor significativo em relação ao início do século representando o resultado do esforço do investimento em Educação e o crescimento industrial. Aparece também nesta época um movimento para criação de universidades nos Estados caracterizada pela reunião de escolas ou faculdades públicas e privadas. A progressiva

industrialização e racionalização pedia da sociedade quadros técnicos suficientes para atender a utilização de tecnologias importadas.

Na Biblioteconomia os primeiros anos da década de 50 encontra vários cursos já criados e o aparecimento de reuniões de profissionais em eventos técnicos e científicos. Destaca-se o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia que surgiu para firmar um grupo profissional. Grupo formado por profissionais graduados em outras áreas que contatam autoridades no sentido de incorporar cursos às Universidades como cursos de bacharelado. O conservadorismo caracterizava o currículo ministrado voltado para disciplinas predominantemente técnicas sem se voltar para o usuário. O avanço na Biblioteconomia foi marcado com a influência da Unesco através da Fundação Getúlio Vargas introduzindo o mecanismo de consultoria, trazendo interferência externa tentando adaptar o Brasil ao modelo norte americano de gestão de cultura e da tecnologia.

O início dos anos 60 na política foi caracterizado pelo uso dos espaços democráticos possíveis através da ação nas classes médias por meio dos movimentos estudantis e nas classes operárias num período e a partir de abril de 1964 dominado pelo uso abusivo da força contra aqueles que utilizavam os espaços democráticos que eram contrários aos interesses da classe dominante e dos grupos internacionais que derrubavam o governo legítimo de João Goulart pondo fim a uma era democrática iniciada em 1945.

Na Educação esta década possuía 54% da população economicamente ativa no ensino primário, 13,2% no secundário e 32,7% no setor terciário caracterizando um processo de modernização estrutural que se apoiava na educação e escolarização crescente. A modernização econômica do País trouxe maior oferta de vagas aumentando o número de matriculados nos níveis primário e secundário. A Universidade sofreu o conflito de poder caracterizado pela falta de oportunidade de se implantar uma proposta mais avançada para a organização

do sistema universitário impondo-se com a promulgação da Lei 4024 que consolidava uma estrutura tradicionalista para a maioria das instituições de ensino superior. Busca-se ainda uma definição mais clara para o papel da Universidade dentro da sociedade brasileira. Aparece aí a implantação no país da pós-graduação como necessária aos propósitos de modernização econômica do país.

Na economia o país vinha se internacionalizando cada vez mais de forma intensa chegando ao final dos anos 70 com uma dívida externa impagável sem que a grande maioria da população fosse beneficiada pelos efeitos do capitalismo.

A Biblioteconomia apresenta um aumento significativo dos cursos em todo o país e a regularidade na realização dos encontros desses profissionais . Discutia-se então nestes eventos vários temas e também recomendações de elites de bibliotecários. Predominava ainda o enfoque técnico das disciplinas constantes do currículo. O conjunto das matérias não atendia às necessidades dos recursos humanos que tinham como tarefa a organização da informação científica e técnica podendo ser classificada como industrial. Com a necessidade de formação de profissional melhor capacitado para este novo mercado foi criado nesta época o Curso de Mestrado em Ciência da Informação que visava atrair não só bibliotecários mas também profissionais das mais diversas áreas.

4. DE 1980 ATÉ INÍCIO DE 1990

Segundo Neves (1995) a década de 80 no Brasil trouxe o debate sobre a reestruturação do sistema educacional que apresentado por vários segmentos empresariais evidencia que, para o capital aquele sistema deve formar técnicos especialistas capazes de acompanhar as mudanças qualitativas do processo de racionalização da produção pela introdução de novas tecnologias. O empresariado concentrou seu interesse na preparação e/ou readaptação de uma parcela mais escolarizada tornando-a apta a dar respostas eficientes aos requisitos da civilização científica e tecnológica.

A crescente criação de novos cursos de Biblioteconomia marca toda a década de 1980. Com o aumento de cursos de pós graduação o ensino de Biblioteconomia passa a ser objeto de estudo dos pesquisadores surgindo recomendações para modificações nos existentes. Tais modificações pretendem abranger vários aspectos tais como : currículos, qualidade dos alunos, bibliografia indicada. A formação acadêmica realmente compromissada com a realidade sócio econômica do país não é contemplada com uma perspectiva imediata de mudança. Exigir das Escolas de Biblioteconomia a formação de profissionais capazes de lidar com a informação científica e técnica é o rumo que as próprias mudanças da sociedade estão direcionando este ensino.

5. CONCLUSÃO

Encontramos diversas linhas de estudo quanto a situação do profissional de informação decorrente de sua formação acadêmica. A predominância do ensino direcionado ao aprendizado da técnica utilizando instrumentos criados fora do nosso país sem estímulo à criação de técnicas voltadas para a nossa realidade distancia o profissional de seu maior objetivo: o usuário.

Segundo pesquisa realizada por Milanesi (1983) na qual a perguntava a entidades que formam bibliotecários qual o perfil do profissional que o Brasil precisa, hoje; encontramos respostas diversas que espelham bem o ensino. Com o nosso país de dimensão continental cada escola procura adaptar as necessidades da região à qual está situada.

Segundo Souza (1991) o ensino da Biblioteconomia viveu um momento, até início dos anos 90, que contribuiu para que a formação do profissional bibliotecário seja fortemente concentrada nos aspectos da organização documental resultado de uma cultura profissional voltada para a estocagem de informação. Isto bitola a capacidade criativa deste profissional pois assim o é ensinado nas Escolas. Escola que continua a trabalhar na mesma perspectiva do passado não acatando as novas exigências da Sociedade precisando priorizar com densidade necessária o aspecto que enfatize seu objeto de trabalho: o usuário.

Mas aquele indivíduo respeitado nas suas peculiaridades, esse novo ser que desponta dentro de um novo milênio de um novo mundo.

ABSTRACT

*SANTOS, Iris Maria Carvalho
Braga dos. O ensino da
Biblioteconomia no Brasil. Rio de
Janeiro, 1999. 30 f.*

*Introduces the different phases of
brazilian teaching associating them
with the brazilian Librarianship
teaching since its beginning in 1911
until the early of 1990. From this
study object the purpose was to
compare the two objects to make
evident the influence of brazilian
teaching during the several periods
of the Barzilian history. During this
study it was evident that political
and ideological decisions influence
the teaching making students
changes and their action in the
professional performance.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BRITTAIN, J. Michael; COSTA, Antônio Felipe Corrêa da, trad. Desenvolvimento de currículo nas escolas de Biblioteconomia para enfrentar o desafio da tecnologia da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 14, n.2, p.109-25, jul./dez. 1985.
- 2 CUNHA, Murilo Bastos da. Reflexões sobre a informática no ensino da Biblioteconomia. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 20, n. 2, p.151-54, jul./dez. 1991.
- 3 DANTON, J. Periam. La formacion profesional del bibliotecario. Paris: Unesco, 1960. 104p.
- 4 MILANESI, Luís Gustavo. Forma/formação/fôrma do bibliotecário. *Palavra Chave*, São Paulo, APB, APBESP, n.3, p.3-9, out. 1983.
- 5 MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Avaliação do estado da arte da formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988.
- 6 MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun., 1985.
- 7 NEVES, Lucia Maria Wanderley, coord. et al. Política educacional nos anos 90: determinantes e propostas. Recife: Universitária da UFPE, 1995, p.13-45.
- 8 SAVIANI, Dermeval. Tendencias e correntes da educação brasileira. In: MENDES, Durmeval Trigueiro. Filosofia da Educação Brasileira. 4.ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1991. p. 19-47.
- 9 SOUZA, Francisco das Chagas de. A construção escolar do bibliotecário brasileiro: ontem, hoje e amanhã. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 181-90, jul./ dez. 1991.
- 10 SOUZA, Francisco das Chagas de. O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro. Florianópolis: UFSC, 1990. 116p.
- 11 TOBIAS, José Antônio. História da Educação brasileira. São Paulo:

Juriscredi, 1972.



UNIRIO
Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

FORMAC DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS
A LAÇÃO DE MONOGRAFIA

PARCELA FINAL DO ORIENTADOR

Título da Monografia: Os efeitos da prática de jogos educativos no desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 3 a 5 anos de idade
Autor: Luciana Maria de Fátima
Assessorado: Luciana Maria de Fátima

PARCELA: Final
O presente trabalho tem como objetivo analisar os efeitos da prática de jogos educativos no desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 3 a 5 anos de idade. A metodologia utilizada foi a observação participante, com a aplicação de questionários e gravações das falas das crianças durante as sessões de jogo. Os resultados indicam que a prática de jogos educativos contribui para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, promovendo a interação social e a expressão verbal. A conclusão é que os jogos educativos são uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 3 a 5 anos de idade.

Assinatura: Luciana Maria de Fátima
Data: 10/10/2023
Orientador: Luciana Maria de Fátima



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS
AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA**

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

Título da Monografia : O Ensino da Biblioteconomia no Brasil

Pós-Graduando : Iris Maria Corvalho Braga dos Santos

Parecer :

O presente trabalho inseriu a discussão em torno do ensino de biblioteconomia no contexto histórico brasileiro, destacando os aspectos econômicos, político e cultural, tais como eles incidiram nas práticas pedagógicas e especificamente na biblioteconomia.

Assim sendo o trabalho está bem fundamentado e articulado com as perspectivas histórico-críticas de análise da realidade social na qual se contextualiza o fenômeno educativo e o ensino superior e eu, na qualidade de orientador, atribuo a nota 10,0 (dez) ou o conceito excelente.

Adilson Florentino

Data : 19 de abril de 1999

Orientador : Adilson Florentino